

ARTE E EDUCAÇÃO: UMA ABORDAGEM DA CULTURA DA CIDADE DE EMBU DAS ARTES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CURSO DE PEDAGOGIA

Art and education: an approach to the culture of the city of Embu das Artes for teacher training in the course of pedagogy

MOTTA, Maria do Carmo dos Santos¹; BISPO, Nilton de Souza²

Resumo

O presente artigo Arte e Educação: Uma abordagem da cultura da cidade de Embu das Artes para a formação de professores no curso de pedagogia tem como objetivo Articular a cultura local como suporte de formação para o curso de pedagogia e a formação de professores. Dentro dessa perspectiva, a formação inicial dos professores no curso de pedagogia possui um papel relevante, uma vez que prepara os futuros profissionais para refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar. Acredita-se assim abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local em que as diferentes identidades são respeitadas e valorizadas, consideradas fatores enriquecedores da cidadania. O curso de pedagogia da Faculdade Polis das Artes compreende que a cultura local, constitui-se como um lócus privilegiado, não só para refletir e discutir sobre a identidade de crianças, adolescentes, jovens e adultos, mas também como compreensão do multiculturalismo presente na Cidade de Embu das Artes, sendo assim, um elemento importante na formação dos futuros professores.

Abstract

This article Art and Education: An approach to the culture of the city of Embu das Artes for teacher training in the pedagogy course aims to articulate the local culture as training support for the course in pedagogy and teacher training. Within this perspective, the initial training of teachers in pedagogy course has an important role as it prepares future professionals to reflect and work with cultural diversity in the school context. It is believed thus open spaces that allow the school's transformation into a place where the different identities are respected and valued, considered enriching factors of citizenship. The pedagogy course of Polis Faculty of Arts comprises the local culture, is constituted as a privileged place, not only to reflect and discuss the identity of children, adolescents, youth and adults, but also as understanding of this multiculturalism in the city Embu das Artes, therefore, an important element in the training of future teachers.

Palavras-chave: Educação; Cultura; Formação de professores; Embu das Artes.

Keywords: Education; Culture; Teacher training; Embu das Artes.

Data de submissão: Março de 2016 | **Data de publicação:** Junho de 2016.

¹ MARIA DO CARMO DOS SANTOS MOTTA. Faculdade Polis das Artes. Brasil. Correio eletrônico: maducasp@hotmail.com

²NILTON DE SOUZA BISPO. Faculdade Polis das Artes. Brasil. Correio eletrônico: bispo.nilton@gmail.com.

INTRODUÇÃO

“A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo, a educação formal no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano branco. A cultura indígena só é tolerada na escola sob a forma de folclore, de curiosidade e esoterismo; sempre como uma cultura de segunda categoria” (BARBOSA, 1999).

Embu das Artes, localizado no Estado de São Paulo, é um município turístico com muitas riquezas históricas, culturais e artísticas. A sua história se inicia na aldeia do M'Boy - “cobra-grande” em tupi-guarani que foi fundada pelos jesuítas entre 1555 e 1559. Nos anos que se seguiram, os padres realizaram inúmeros trabalhos na região, como a catequização dos índios guaranis e a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Foi das mãos dos jesuítas e dos índios que surgiram os primeiros traços artísticos que mais tarde se tornariam a marca da cidade: na arquitetura da Igreja, na escultura dos santos de madeira, nas pinturas e no entalhamento.

A cidade é uma fonte rica de pesquisa cultural e histórica, oferecendo elementos para a formação de educadores e constituindo um berço para a arte e para as manifestações culturais de seu povo. Nosso artigo tem como objetivo articular a cultura local como suporte de formação para o curso de pedagogia e a formação de professores.

As reflexões que envolvem a formação de professores para a diversidade cultural na educação brasileira têm sido alvo de inúmeros estudos na última década no cenário educacional. Cada vez mais conceitos como diversidade, diferença, igualdade e justiça social, cultural local, têm se configurado como uma preocupação por parte daqueles que lutam por uma educação verdadeiramente cidadã e por parte também das instituições que formam educadores no Brasil. Ao mesmo tempo, articular tais conceitos à formação de professores tem se tornado um desafio premente para a educação e para as instâncias envolvidas nesse processo. Dentro dessa perspectiva, a formação inicial dos professores no curso de pedagogia possui um papel relevante, uma vez que prepara os futuros profissionais para refletirem e trabalharem com a diversidade cultural no contexto escolar. Acredita-se assim abrir espaços que permitam a transformação da escola em um local em que as diferentes identidades são respeitadas e valorizadas, consideradas fatores enriquecedores da cidadania.

Na perspectiva de formar professores comprometidos com os saberes e estes compreendidos como sendo parte da cultura local que irá possibilitar a articulação entre os conteúdos socialmente relevantes como parte da transmissão cultural da escola e o comprometimento de educadores que reconhecem a cultura popular entendida aqui “como vestígios míticos relativos aos sinais de identidade coletivas daquilo que foi e é um povo” (SACRISTAN, 1999, p. 175). O curso de pedagogia da Faculdade Polis das Artes compreende que a cultura local constitui-se como um lócus privilegiado, não só para refletir e discutir sobre a identidade de crianças, adolescentes, jovens e adultos, mas também como compreensão do multiculturalismo presente na Cidade de Embu das Artes, sendo assim, um elemento importante na formação dos futuros professores.

O multiculturalismo tem sido compreendido e refletido na formação de professores como um campo teórico, prático e político que busca respostas à diversidade cultural e desafio a preconceitos, com ênfase na identidade como categoria central para se pensar em uma educação valorizadora da pluralidade no contexto escolar (Candau, 2008a, b, c; Canen, 2008; Canen; Santos, 2009; Moreira; Câmara, 2008). Nesse sentido, a formação de professores na Faculdade Polis das Artes acredita que a cultura local, estudada e compreendida pelos futuros pedagogos aponta caminhos para a superação dos preconceitos raciais, de gênero, de orientação sexual, de religião e outros, rumo a uma visão democrática e plural que permita o diálogo entre culturas e avance no desempenho positivo de alunos de universos culturais plurais.

Patrimônio Histórico Cultural – Cultura

Cultura faz parte do vocabulário básico das ciências humanas e sociais e por consequência é um conceito relevante e valorizado nos cursos de formação de professores no Brasil. Faculdade Polis das Artes se faz presente em diversas áreas do saber do curso de pedagogia que também a compreende como conjunto de crenças, valores, visões de mundo, *redes de significado* que definem a própria natureza humana. A Cidade de Embu das Artes possui um patrimônio histórico muito rico em virtude dos índios guaranis e dos padres jesuítas que foram os primeiros artistas da cidade. Assim como observamos na sua história.

Em 1554, um grupo de jesuítas fundou o aldeamento de Bohi, depois M'Boy Mirin, a meio caminho do mar e do sertão paulista. Como todas as missões jesuíticas no interior do Brasil, esta tinha objetivos missionários e pretendia catequizar os índios locais, aproveitando-os também como força de trabalho para as fazendas que se foram criando na região. Em 1607, as terras do lugarejo passam a ser de Fernão Dias (tio do bandeirante Fernão Dias, o Caçador de Esmeraldas) e sua esposa Catarina Camacho. Em 1624, o casal doa as terras da aldeia M'Boy à Companhia de Jesus, com a condição de que os jesuítas devotassem Nossa Senhora do Rosário e organizassem uma festa de adoração à Santa Cruz. Em 1690, o padre Belchior das Pontes manda erguer uma igreja em homenagem àquela santa, hoje a padroeira do município. Já no século XVIII, entre 1730 e 1740, os jesuítas iniciaram a construção do convento, anexo à igreja.

O padre Domingos Machado reuniu no aldeamento vários padres artistas que elaboraram os trabalhos de decoração do mesmo. As verbas necessárias às douraduras dos entalhes das paredes de madeiras e grande número de imagens, foram possibilitadas pela venda do algodão que cultivavam em grande escala. Os padres jesuítas não moraram ali por muito tempo, pois, por ordem da Coroa portuguesa são expulsos do Brasil em 1759. A dificuldade de comunicação não permitiu o rápido desenvolvimento do povoado. Somente no final do século XIX, a cúria diocesana de São Paulo contratou o engenheiro Henrique Bocolini para demarcação do patrimônio, o qual, reconhecendo os valores artísticos da capela e do convento, realizou as primeiras obras de apoio à conservação das construções.

Os padres vão embora, mas deixam um tesouro para a cidade paulista, um belíssimo conjunto de arquitetura colonial, hoje sede do Museu de Arte Sacra, no centro histórico. Tombado como Patrimônio Histórico Nacional e protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é uma das mais preservadas construções jesuítas remanescentes em São Paulo. Embora exiba detalhes do estilo barroco paulista, a arquitetura do conjunto tem como principal característica a simplicidade das linhas retas. A edificação é composta pela antiga casa dos padres e pela igreja Nossa Senhora do Rosário, construída em taipa de pilão e parcialmente concluída em 1734, quando a pintura e douração da capela-mor e da sacristia começaram a ser feitas. Faz parte de seu acervo imagens de anjos, santos e personagens bíblicos entalhados em madeira, modelados em terracota ou em armações de roca,

produzidos pelos jesuítas entre os séculos 17 e 19. O ponto alto do museu é a obra “Senhor Morto”, esculpida em tamanho real em uma única tora de madeira.

Embu se desenvolveu a partir do crescimento da aldeia M’Boy, “cobra grande”. “Embu” é um termo oriundo da língua tupi, significando “rio das cobras”, a partir da junção dos termos *mboia* (cobra) e *y* (rio). Ou umbu, a árvore de pequeno porte que no Brasil Colônia era chamada de *ambu*, *imbu* e *ombu*, corruptelas da palavra tupi-guarani *y-mb-u*, que quer dizer “árvore que dá de beber”. Outra possível tradução é “ensino”, pois *mboé* significa “ensinar”. A vocação artística da cidade se consolidou nas primeiras décadas do século XX com a chegada de artistas renomados como: Cássio M’Boy, Assis do Embu, Mestres Sakai e Gama, Solano trindade, Ana Moysés, entre vários outros.

Em 1937, Cássio M’Boy, santeiro de Embu, ganhou o Primeiro Grande Prêmio na Exposição Internacional de Artes Técnicas em Paris. Cássio foi professor de vários artistas e recebia em sua casa expoentes do Movimento Modernista de 1922 e das artes em São Paulo, incluindo Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Alfredo Volpi e Yoshiya Takaoka. Sakai de Embu começou por ser discípulo de Cássio e veio a ser reconhecido internacionalmente como um dos grandes ceramistas-escultores brasileiros. Sakai forma um grupo de artistas plásticos, do qual faz parte Solano Trindade, artista que chegou ao Embu em 1962 trazendo consigo a cultura negra, congregando um grupo de artistas em seu redor. A tradição artística da cidade institucionaliza-se e ganha projeção dentro e fora do Brasil em 1964, com o Primeiro Salão das Artes.

Esses artistas ajudaram a fundar em 1969 a feira de Embu das Artes, dando origem ao movimento artístico que permanece até os dias atuais. Paralelamente, a cidade passou a pólo de atração para *hippies*, que expunham os seus trabalhos de artesanato nos finais de semana na Feira de Artes e Artesanato, que se realizam todos os fins-de-semana desde 1969 e que é um dos principais motores da projeção turística da cidade. Em seus 46 anos de existência, a feira foi ocupando todas as ruas do centro histórico de Embu das Artes, um circuito hoje conhecido como Passeio das Artes. É nesse imenso ateliê ao ar livre que 550 expositores mostram as suas obras, desde pinturas, porcelanas, esculturas, instrumentos musicais, roupas e bijuterias até objetos utilitários. Ao redor da feira encontram-se ainda diversas galerias de artes, antiquários e lojas de artesanato e de móveis artesanais de estilo rústico.

Com o nome de M'Boy, o povoado a partir de 1880 desenvolveu tornando-se distrito de Itapecerica. Em 18 de fevereiro 1938, ocorre a emancipação passando a denominar-se município de Embu. E através da Lei Estadual n. 14.537, de 06/09/2011, finalmente passa a ser chamado de Embu das Artes.

Capela São Lázaro

Sua origem está ligada a uma imagem do santo São Lázaro esculpida em madeira pelo artista Cássio M'Boy nos anos 1920. A imagem atraiu grande número de devotos e, em 1934, foi construída uma capela para abrigá-la. Em 1969, a capela foi restaurada, aproximando-se das linhas da arquitetura jesuítica da igreja do Conjunto Nossa Senhora do Rosário.



Figura 1 Capela São Lázaro



Figura 2 São Lázaro esculpido em madeira

Museu de Arte Sacra

Sua arquitetura apresenta características do estilo barroco paulista e um acervo rico em imagens de anjos, santos e personagens bíblicos, quase todos entalhados em madeira, modelados em terracota ou em armações em roca, produzidas entre os séculos XVII e XIX.

A principal obra do museu é o "Senhor Morto", esculpido em uma tora de madeira, bem como as imagens de Nossa Senhora das Dores e da Santa Ceia, em roca, de autoria do Padre Macaré. As demais obras foram esculpidas pelos jesuítas e índios.



Figura 3 *Museu de Arte Sacra*



Figura 4 *Senhor Morto*

Memorial Tadakio Sakai

O Memorial Sakai do Embu, inaugurado em 2003, tem seu acervo peças do artista Tadakio Sakai, um dos maiores terracotistas do país. O conjunto arquitetônico inclui a Capela de Santa Cruz, inaugurada em 2008, o Cruzeiro da Paz e um pátio onde são realizados eventos, além de uma ampla galeria de peças de Sakai e outros artistas.



Figura 5 *Memorial Tadakio Sakai*



Figura 6 *Exposição de artes*

Centro Histórico

A arte sempre fez parte da vida da cidade, os padres Jesuítas que colonizaram a antiga aldeia de M'Boy já a expressavam pela arte nas pinturas e esculturas, a qual usavam para catequizar os índios. Uma mostra desse legado está no museu Jesuíta de Arte Sacra, construído entre os séculos XVII e XVIII.

Caminhando pelas ruas de paralelepípedo é possível perceber que esse caráter histórico legitimamente brasileiro, foi se consolidando com o passar do tempo, até que se instalou o movimento artístico, no início da década de 60. A Estância Turística de Embu das Artes representa um importante recanto da região da grande São Paulo, dedicado à preservação dos recursos naturais, pois abriga mananciais na maior parte do território. Nos fins-de-semana é um bom lugar para se passear, devido o clima agradável e uma culinária de norte a sul do Brasil.



Figura 7 *Centro histórico*



Figura 8 *Centro histórico*

É nessa realidade que está inserida a Faculdade Polis e o curso de pedagogia. Por isso é muito importante para nós que as futuras professoras que vão exercer sua profissão tenham a compreensão e o conhecimento da histórica e da cultural do nosso município para poderem fazer as articulações entre educação escolar e cultura local. Nesse sentido o universo sociocultural das crianças, adolescentes, jovens e adultos e dos demais grupos que constituem a cidade, escola e a sociedade em geral; devem estar nas práticas pedagógicas mobilizando um conjunto de saberes na sala de aula. A educação deve possibilitar as diversas formas de estar junto, de ver e conviver nos espaços culturais da Cidade de Embu das Artes.

Educação

Vamos refletir sobre a concepção da educação, sua função social e a escola no processo de formação dos homens como sujeitos históricos, enfatizando assim, a importância da cultura local na articulação com os conteúdos do curso de pedagogia, oferecendo elementos para que os futuros educadores possam trabalhar questões como identidade, pertencimento, formação de valores, violência e disciplina, preconceito e discriminação, questões étnicas e de gênero presentes na escola, ajudando a olhar e

perceber as diferenças presentes na sala de aula e, nesse sentido, ajudando a romper com o que vários autores chamam de daltonismo cultural (STOER, & CORTESÃO, 1999).

Outras contribuições estão associadas à possibilidade de que a Pedagogia é um dos cursos responsáveis pela formação de educadores para a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental, nesse sentido irão possibilitar o despertar para questões relativas às diferentes linguagens presentes na sociedade e no cotidiano escolar, bem como de articular o social e o cultural. Começaremos discutindo a concepção e a função da educação como uma construção histórica. Nas comunidades primitivas,

“os fins da educação derivam da estrutura homogênea do ambiente social, identificam-se como os interesses comuns do grupo, e se realizam igualmente em todos os seus membros, de modo espontâneo e integral: espontâneo na medida em que não existe nenhuma instituição destinada a inculcá-los, integral no sentido que cada membro da tribo incorporava mais ou menos bem tudo o que na referida comunidade era possível receber e elaborar” (PONCE, 1994, p. 21).

Com as mudanças da sociedade, da vida em grupo e do próprio homem em transição da comunidade primitiva para a antiguidade, novas formas de organização vão surgindo, sobretudo com a substituição da propriedade comum pela propriedade privada. A relação entre os homens, que na sociedade primitiva se fundamentava na propriedade coletiva, passa a ser privada e o que rege as relações é o poder do homem, que se impõe aos demais. Assim,

“com o desaparecimento dos interesses comuns a todos os membros iguais de um grupo e a sua substituição por interesses distintos, pouco a pouco antagônicos, o processo educativo, que até então era único, sofreu uma partição: a desigualdade econômica entre os ‘organizadores’ e os ‘executores’ trouxe, necessariamente, a desigualdade das educações respectivas” (PONCE, 1994, p. 27).

Com o advento da sociedade capitalista e com o aperfeiçoamento da maquinaria, muda não só a forma de organização da sociedade, mas também as relações sociais de produção, a concepção de homem, de trabalho e de educação. Na sociedade organizada sob o modo de produção capitalista, o homem não é aquele ser histórico que se humaniza nas relações que estabelece com outros homens, resume-se ao indivíduo que vende a sua força de trabalho e, ao vendê-la, transforma-se em fator de produção.

A educação, segundo a ótica dominante, tem como finalidade habilitar técnica, social e ideologicamente os diversos grupos de trabalhadores, para servir ao mundo do trabalho. Segundo Frigotto (1999, p. 26), “trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder às demandas do capital”. Nessa perspectiva, a concepção de educação que estamos propondo fundamenta-se numa perspectiva crítica que conceba o homem na sua totalidade, enquanto ser constituído pelo biológico, material, afetivo e cultural. Portanto, no desenvolvimento das práticas educacionais, precisamos ter em mente que os sujeitos dos processos educativos são os homens e suas múltiplas e históricas necessidades.

Nesse sentido do homem como sujeito histórico e cultural o projeto de educação a ser desenvolvido na formação dos nossos professores e, por conseguinte nas escolas de nosso município tem que estar pautado na realidade, visando a sua transformação, pois se compreende que a realidade não é algo pronto e acabado. Não vamos atribuir a educação e a escola à função salvação dos problemas sociais, mas reconhecer seu incontestável papel social no desenvolvimento de processos educativos, na sistematização e socialização da cultura historicamente produzida pelos homens.

Ao refletirmos sobre a função social da educação e da escola, estamos entendendo a educação no seu sentido ampliado, ou seja, enquanto prática social que se dá nas relações sociais que os homens estabelecem entre si, nas diversas instituições e movimentos sociais, sendo, portanto, constituinte e constitutiva dessas relações.

Assim, a formação de educadores precisa dar conta de construir com os futuros profissionais de que a educação na sua função social de formadora de sujeitos históricos, precisa ser um espaço de sociabilidade que possibilite a construção e a socialização do conhecimento produzido, tendo em vista que esse conhecimento não é dado *a priori*. Trata-se de conhecimento vivo e que se caracterizam como processo em construção, presentes na cultura local. Entendemos a educação, como prática social que se desenvolve nas relações estabelecidas entre os grupos, seja no município, na escola ou em outras esferas da vida social. Assim, a educação se constitui numa atividade humana e histórica que se define na totalidade das relações sociais. Nessa ótica, as relações sociais desenvolvidas nas diferentes esferas da vida social, inclusive no trabalho, constituem-se em processos educativos, assim como os processos educativos desenvolvidos na escola consistem em processos de trabalho, desde que este seja entendido como ação e criação humanas.

A escola é uma instituição cultural, sendo assim, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como dois polos separados ao contrário, constituem uma teia tecida no cotidiano, com fios e nós profundamente articulados. Partindo dessa concepção, a arte e a educação irão fazer aproximações na formação de professores para que educadores comprometidos possam, ao mesmo tempo, trabalhar as relações entre educação e cultura local.

Contribuição do curso de Pedagogia da Faculdade Polis \das Artes

O curso de pedagogia da Faculdade Polis das Artes reconhece que os professores estão imersos em um mundo permeado pela cultura, entretanto, entende como fundamental que na sua formação se promova também o enriquecimento pessoal dos docentes, possibilitando-lhes o acesso tanto às culturas locais quanto às obras-primas universais. Para nós, os estudantes de pedagogia e futuros professores devem, ao longo da vida profissional, ter contato com o mundo da cultura de forma intensa e diversificada, compreendendo que tais oportunidades possibilitam ampliação dos horizontes, novas formas de enxergar a realidade, os valores, à sociedade, enfim a vida.

A disciplina de Antropologia da Educação que tem como objetivo, possibilitar ao aluno o estudo antropológico da sociedade, buscando analisar a experiência humana em sua diversidade cultural e as articulações entre indivíduo, cultura e sociedade. Promoveu uma imersão dos estudantes do curso de pedagogia do 3º semestre na cultura local da Cidade de Embu das Artes, possibilitando uma articulação entre os saberes cultura e educação. O objetivo da atividade foi de apresentar e analisar a cultura local da cidade de Embu das Artes fundamentada na experiência da visita a uma exposição museológica ao Memorial Tadakio Sakai e o Museu do Índio, incluindo a participação em oficinas de terracota como recurso didático. Em aula refletimos e estudamos conceitos como: identidade, culturas, multiculturalismo, desigualdades. Analisamos as três concepções que acreditamos ser importantes na formação do educador: Educação como processo amplo de reprodução sociocultural; Sociedade: um mosaico multicultural, onde a educação formal não é a única via, mas uma das vias de socialização; Escola: espaço social onde também está presente o mosaico multicultural.

Buscando contribuir na mudança da forma como é tratada ou ignorada a temática indígena na educação, nesse sentido foi juntamente pensado numa atividade que tivesse como objetivo refletir e analisar que o índio teve um papel decisivo na formação cultural da

Cidade de Embu das Artes. A Faculdade Polis das Artes, através da disciplina Antropologia da Educação, articulando os saberes de formação do povo brasileiro procura desfazer modelos e generalizações, possibilitando a construção de um conhecimento mais próximo da realidade indígena e dos estudos atuais sobre ela, valorizando o diálogo entre as diferenças. Acreditamos que através do contato com os aspectos que compõem a cultura material da cidade, as estudantes teriam condições de trabalhar para a preservação do patrimônio cultural existente e compreenderem a história de formação da cidade e os aspectos da sua própria história.

Museu Memorial Tadakio Sakai

Tadakio Sakai chegou a Embu em 1952, vindo de Tushima, Nagasaki – Japão foi agricultor e começou a esculpir por influência de Cássio M'boy, Victor Brecheret e amor por Embu e pelo Brasil desenvolveu sua arte, com uma criatividade e originalidade digna dos maiores elogios e foi merecidamente premiado inúmeras vezes pelo seu trabalho. As estudantes vivenciaram no Museu Memorial Tadakio Sakai uma oficina de terracota, no momento em que elas esculpiam suas peças podiam ouvir os relatos das histórias ligadas à formação da cidade, a importância do memorial e do artista “Sakai” compreenderam a importância da arte para a formação das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Os depoimentos das estudantes foram na perspectiva da importância de conhecer a cultura da cidade, pois esta vai contribuir para sua formação pessoal e enquanto futuras profissionais. Irá possibilitar a construção de projetos pedagógicos mais comprometidos com as identidades culturais e históricas. Muitas relataram o fato de não conhecerem o centro histórico e essa era uma das oportunidades de conhecerem como Embu das Artes foi fundada.

Nesse sentido o curso de pedagogia tem um papel importante na perspectiva de reconhecer, valorizar e empoderar sujeitos socioculturais. E esta tarefa passa por processos de contato e conhecimento com a cidade e com os diferentes conhecimentos e saberes, utilizando da pluralidade de linguagens, estratégias pedagógicas e recursos didáticos, a promoção de dispositivos de diferenciação pedagógica³.

³ Pois “Aprender arte [...] envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas (...) Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor.” PCN-Arte.



Figura 9 Visita ao Memorial Tadakio



Figura 10 Alunas de Pedagogia da Faculdade Polis das Artes.



Figura 11 Trabalhando com Terracota

Museu do Índio

Trata-se de um espaço de pesquisa e debate de temas relacionados às questões indígenas. Grupos étnicos, costumes, hábitos alimentares, arte (plástica, musical, dança, oratória e ornamental), idiomas, crenças, rituais, vida comunitária e relação com a natureza e meio ambiente. Fundado e planejado pelo artista plástico, pesquisador e escritor Walde-Mar de Andrade e Silva neto de índio ficou reconhecido mundialmente pelas obras de temática indígena. Aos domingos, o artista enchia o seu fusca e partia rumo a Embu para expor os trabalhos e se encontrar com os escultores da época: Assis, mestre Gama, Sakai, Vicente de Paula e outros. Walde-Mar apaixonou-se pela cidade, que começava a ser conhecida como Embu das Artes. A atividade no Museu do Índio abordou os aspectos de como no nosso cotidiano temos a presença da cultura indígena na alimentação, na linguagem e nas brincadeiras. As estudantes relataram a importância do conhecimento da identidade da formação do nosso povo e das contribuições do índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.



Figura 12 Exposição do Museu do Índio.



Figura 13 Alunas apreciando as obras

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que as faculdades de educação nunca ficaram desatentas às questões da cultura. Sempre, nos projetos de formação de professores propostos pelos órgãos oficiais, e, aqueles operacionalizados na/pela faculdade, a dimensão cultural esteve presente. No entanto, questiona-se sobre a falta de uma proposta que contemple a formação da cultural local nos cursos de pedagogia. É no bojo de certas mudanças das propostas de formação de professores e no âmbito de certas teorizações sobre a educação e o currículo que a reivindicação pelas relações entre cultura e educação começa a ser manifestas. É possível, portanto, encontrar nas tendências das formações para o multiculturalismo a chamada para tal articulação. Nessa perspectiva, a arte e a educação devem ser reconhecidas como uma abordagem para a cultura local, onde a multiplicidade dos espaços da cidade sirva de exemplo para a articulação entre cultura local e formação de professores. A cidade deve ser o espaço a ser promovido na relação entre cultura, educação e formação docente desenvolvendo ideias em torno de uma cidadania crítica em respeito à diversidade.

Afinal, pensar a formação continuada de professores em uma perspectiva da cultura local significa pensar uma efetiva mudança de atitude, de postura e de olhar para o curso de pedagogia propondo a participação das estudantes na cidade e no território. Para tanto, o diálogo apresenta-se como um instrumento indispensável, a partir do qual professores e alunos podem estabelecer uma dinâmica de entendimento e reflexão, em que as “vozes” de todos sejam ouvidas, consideradas e debatidas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A. M. (1999). *Arte, Educação e Cultura*. Portal Domínio Público.
- BRASIL (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF - Parâmetros Curriculares nacionais de 5ª e 8ª série.
- CABRAL, N. A. (1998). *Política Educacional*. São Paulo: Sulina.
- CANEAU, V. M. F. (1997). Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. In: CANEAU, V. M. F. (Org.), *Magistério: Construção cotidiana* (pp. 237-250). *Petrópolis: Vozes*.
- CANEN, A., & MOREIRA, A. F. B. (2001). *Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente*. In: CANEN, A., & MOREIRA, A. F. B. *Educação & Sociedade*, ano XXIII, no 79, Agosto/2002 37 (Orgs.), Ênfases e omissões no currículo, Campinas: Papyrus, 2001, p. 15-44.
- FRIGOTTO, G. (1999). *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. São Paulo, Cortez.
- MOREIRA, A. F. B. (2001). A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000). *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 65-81.
- PONCE, A. (1986). *Educação e luta de classes* (José Severo de Camargo Pereira, Trad.). (6ª ed). São Paulo: Cortez: Autores Associados.
- SACRISTAN, J. G. (1999). *Poderes Instáveis em Educação* (Beatriz Affonso Neves, Trad.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- STOER, S. R., & CORTESÃO, L. (1999). *Levantando a pedra: Da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização*. Porto: Afrontamento.